Ano XII — Lisboa, Maio de 1956 — N.º 133

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 • PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A GRANDIOSIDADE DAS PEQUENAS COISAS



O mundo volve a sua atenção para as coisas pequenas, convencido, afim, do valor incalculável das propriedades intrínsecas da matéria mais ínfima. Esta tendência de dar apreço a tudo o que sói denominar-se inferior não é velha nos hábitos do Homem; ainda não vai longe o tempo em que o interesse de todos se monopolizava nos imponentes e arrojados empreendimentos do génio humano: os grandes templos, as longas pontes, as majestosas naves, os sumptuosos palácios. Falava-se mais da grandiosidade das Pirâmides do que da complexidade científica da sua estrutura; assombravam-nos mais as proporções da Muralha da China que a elegância e equilíbrio de linhas de uma catedral. Indubitàvelmente, a Humanidade professava um culto fervoroso por tudo quanto detivesse o cunho grandioso, fantasmagórico, colossal.

Mas, incompreensìvelmente, as realizações descomunais traziam consigo o germe da própria destruição. E, assim, vejamos onde estão hoje essas obras monumentais, supremo orgulho do engenho humano, tais como o túmulo de Mausolo, o Colosso de Rodes, o Farol de Alexandria, o Templo de Diana, as Estátuas de Minerva e de Júpiter Olímpico? À semelhança dos grandes répteis da Pré-História, a própria grandeza ditou-lhes um fim prematuro.

Com o rodar dos séculos, o Homem, abandonando a tendência tradicional, foi dando conta de que uma actividade desconhecida se desenvolvia no íntimo das mais insignificantes partículas da matéria, a qual, até então, escapara à mais penetrante observação. Novos vocábulos começaram a surgir na linguagem corrente, todos eles trazendo ideias originais e segredos inusitados de ciências desconhecidas.

As moléculas gozaram durante anos o favor de vedetas no teatro das coisas infinitesimais, com a absorvente curiosidade da sua essência e da sua composição. Entretanto, os microrganismos enfeitiçavam os cientistas com a pluralidade da sua constituição e com a ameaça de um terrível poder destruidor. Chegou, também, a época das células, com o seu cortejo aliciante de mistérios: o da sua natureza, o das suas propriedades e o do seu papel preponderante na constituição da matéria viva. Mas, por fim, no agitado palco do Mundo, deu-se a entrada sensacional do átomo, o elemento de fundamental importância, que revolucionaria a ciência e a vida da sociedade moderna, traçando-lhe outras directrizes, suscitando intrincados problemas, pesando nìtidamente nos destinos da Humanidade com a inauguração de uma nova era.

Entrara-se decididamente no primado do infinitamente pequeno e, embora continuemos a extasiar-nos perante o aspecto dimensional das realizações humanas, compreendemos agora que se esconde uma inexcedível beleza nas mais ínfimas estruturas, e que existe um impressionante poder nas partículas microscópicas, onde estão prefiguradas a grandeza e a complexidade do próprio Universo.

* * *

Quando tratamos de Escotismo, há que precaver-nos, também, contra o culto do grandioso. É do próprio Fundador a afirmação de que o

(Conclui na 2.ª página)

O verdadeiro trabalho dum chefe escoteiro

Sempre que posso, leio livros ou revistas escotistas, nacionais ou estrangeiros, não só com o intuito de aprender, como também com o objectivo de analisar novos pontos de vista ou de ver confirmados aqueles que em mim se formaram.

Este meu hábito justifica ter visto uma nota com o título que serviu para encabeçar estas ligeiras e despretensiosas palavras, de entre aquelas que o Major-General D. C. Spry costuma publicar na revista do escotismo mundial «World Scouting» e que me mereceu especial interesse.

O autor da nota, que foi herói das duas guerras mundiais e escoteiro canadiano desde lobito, é actualmente Director da Repartição Internacional de Escotismo, com sede em Londres, e publica assìduamente essas notas como resultado de observações e visitas que faz às actividades dos escoteiros em vários países. Aquela a que atrás me refiro e cuja tradução apresento seguidamente, foi publicada no número de Outubro de 1955, da revista indicada.

«Muitos chefes escoteiros esforçam-se dispendendo o seu tempo com o ensino de provas técnicas aos seus rapazes, quando seria profícuo se o empregassem cuidando do desenvolvimento do seu carácter e dando-lhes os meios para compreenderem melhor as pessoas mais velhas. Decerto, há muitos amigos do Escotismo com habilidades e conhecimentos técnicos que podem ser convidados para instrutores de assuntos especializados; assim, o Chefe ficará livre para a sua tarefa mais importante — o desenvolvimento do carácter. Porque não procurar entre os membros da Comissão Directora do seu próprio Grupo e entre os pais dos seus Escoteiros, os homens que possam dar essa simples e

(Conclui na 2.ª página)

A GRANDIOSIDADE DAS PEQUENAS COISAS

(Conclusão da 1.ª página)

Escotismo é uma coisa simples; portanto, adicionar-lhe, sistemàticamente, grandes cerimoniais, aparatosos desfiles, ou monumentais acampamentos, é desfigurá-lo e reduzi-lo na sua eficácia. Há que procurar nas pequenas coisas os elementos educacionais de que os rapazes carecem. No campo, é a vida simples, os jogos ao ar livre, o contacto íntimo com a Natureza, na observação e no estudo das suas manifestações; na cidade são as «pequeninas boas acções», o serviço do próximo, o cavalheirismo; na sede, os treinos de aptidão, a fomentação do espírito de patrulha, a elaboração de trabahos manuais «rústicos e toscos». Através destas pequenas coisas o chefe adestra fisicamente os seus pupilos, modela-lhes o carácter e incentiva neles o espírito altruísta e o Ideal Escoteiro.

O Escotismo é simplesmente um jogo, uma alegre fraternidade do ar livre. Se é certo que não se alheia das grandes actividades, de irrecusável valor, o chefe-escoteiro tem de fazer dos pequenos empreendimentos o fulcro da sua acção escotista. Verificará, então, que as coisas mais simples, os trabalhos mais fáceis, as atitudes mais discretas se transformarão em alavancas poderosas na tarefa educativa, prova cabal da grandeza que reside nas coisas reputadas como insignificantes.

JOEL RIBEIRO.

O verdadeiro trabalho dum chefe escotista

(Conclusão da 1.ª página)

efectiva contribuição ao Escotismo? Deste modo, com o enorme número de amigos do Movimento, nenhum chefe se poderá considerar sobrecarregado desde que peça essa ajuda quando isso lhe for vantajoso».

Em conversas e, até, em normas e directivas, tenho exprimido a ideia, que não é nova, de que um chefe de escoteiros deve preocupar-se principalmente, com a formação do carácter do seu pupilo, deixando para segundo plano, por assim dizer, a sua formação técnica, fazendo com que a aprendizagem dessas provas não constitua um fim em si e sejam antes utilizadas como um meio para melhor se atingir uma boa formação geral.

Algumas vezes tenho dito que um dos males do nosso escotismo associativo se deve filiar na preocupação, por vezes excessiva, de alguns dos nossos chefes, em cuidarem exclusivamente da técnica dos seus escoteiros. O mal atrás apontado não é só nosso; existe também noutros países; talvez seja geral; isso o prova as palavras transcritas da revista do Escotismo Mundial.

Por isso, na programação duma Escola de Chefes é importante incluir matérias que permitam ao futuro dirigente conhecer os meandros da maneira de ser e de reagir dos seus escoteiros — a sua personalidade e o seu carácter — para com eles a poder corrigir e aperfeiçoar. Daqui resulta, que numa bem organizada Escola de Chefes é absolutamente necessário reservar um grande cuidado a este assunto, proporcionando aos candidatos oportunidades para revelarem as suas qualidades inatas e conseguirem o seu aperfeiçoamento à custa de actividades realmente vividas por si, pelos seus companheiros de curso ou ainda por escoteiros postos sob sua direcção a título experimental.

Fevereiro de 1956.

JOSÉ M. NOBRE SANTOS

O ESCOTISMO NA CAPITAL

O 1.º aniversário do Grupo «Pedro Álvares Cabral»

No dia 1 de Maio, data que assinala històricamente o desembarque de Álvares Cabral em terras de Santa Cruz, é também a data do aniversário deste grupo de escoteiros, que escolheu para seu patrono o nome do grande navegador português.

As respectivas comemorações estão a decorrer desde 30 de Abril, dia em que se efectuou uma sessão em que o director do «Sempre Pronto» fez uma palestra procurando responder à pergunta: «Um grupo de escoteiros numa Igreja, porquê?» e os serviços de imprensa da Embaixada Americano ofereceram uma interessante sessão de cinema com filmes escotistas e guidistas focando grandes actividades internacionais.

O sr. Pereirinha Pinto, subchefe do grupo, referiu-se às comemorações do aniversário.

No dia 1 deste mês, realizou-se uma sessão solene em que foram entregues a diversos escoteiros estrelas de serviços, insígnias de classe e outras, tendo o presidente do Grupo. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, feito uma palestra sobre o tema «Duas características indispensáveis à formação do carácter».

O Chefe do grupo, sr. Idílio Gonçalves, dirigiu a palavra aos escoteiros a propósito das insígnias que lhe eram entregues.

No Domingo, efectuar-se-á um almoço de confraternização na sua sede na Rua Febo Moniz e à tarde um culto de acção de graças na Igreja Evangélica Lisbonense, a que o grupo está anexo, actos a que nos referimos oportunamente.

DOS AÇORES

Grupo N.º 52 — Angra do Heroísmo

Confraternização Escotista Luso-Americana

Em 21 de Março passado, realizou-se no Estacionamento Americano da Base Aérea n.º 4 a festa anual dos escoteiros americanos, com a presença de 180 pessoas incluindo 55 escoteiros, dirigentes americanos, famílias e madrinhas dos escoteiros. Estiveram também presentes o Chefe Moniz Silva, sua esposa e filha, bem como uma representação de Escoteiros do Grupo 52. Aos convidados portugueses foi destinada a mesa de honra, junto da qual se encontravam as bandeiras nacionais portuguesa e americana e as bandeiras escoteiras do grupo americano e do 52.

Antes de jantar, foi dada posse aos novos dirigentes da Alcateia, tendo o Chefe Bodenman transmitido a direcção da unidade ao chefe Kendall. O chefe cessante, no discurso que proferiu, fez elogiosa referência ao chefe Moniz Silva, pondo em destaque o espírito de cooperação que sempre encontrou no chefe do grupo 52. O chefe Moniz Silva, ao agradecer, fez o elogio do espírito de fraternidade do Escotismo e afirmou que a colaboração, que tem tido o prazer de dispensar aos escoteiros americanos, não era mais do que o cumprimento dos indeclináveis e tradicionais deveres de hospitalidade que lhe cabiam como português e como terceirense.

Depois do jantar realizaram-se diversas cerimónias e actos escotistas.

Curso Básico da D. C. T.

O chefe e os caminheiros do grupo 52 frequentaram o Curso Básico n.º 1/56, na sede do Comando Distrital da L. P., tendo terminado o curso com o seguinte aproveitamento:

Jacinto dos Reis Moniz Silva.....	13,3
Leopoldo da Rocha Tavares.....	12,4
João Soares de Ávila.....	11,9
Francisco Borges Ferreira Nunes..	11,5
Ludgero Morais Moreira	11,4
Norberto Barcelos Borba.....	11,2
Heitor Gabriel Cabral da Silva.. .	10,8
Ricardo Jorge Sousa da Silva.....	10,0

Outras Actividades

O chefe do grupo 52 visitou em 6 de Abril passado o acampamento da Páscoa do Clã do Seminário de Angra. Também o grupo n.º 84 do C. N. E. da Praia da Vitória convidou este grupo para as promessas solenes de escutas em 8 de Abril passado. Na impossibilidade de mandar uma representação numerosa, o grupo fez-se representar pelo seu chefe e pelo caminheiro Norberto Borba, que tiveram ali um acolhimento carinhoso.—*C.*

HIGIENE

Ar livre e exercício

O ar livre é indispensável à saúde. Os sedentários são como os que dormem demasiadamente. Os que permanecem longas horas num escritório, numa loja, numa oficina, e que vão depois meter-se num café ou num cinema, em vez de procurar o ar livre, perdem a pouco e pouco a energia, tornam-se pesados, preguiçosos e adoecem com facilidade. O corpo que não se movimenta, amolece; a cultura física dá-lhe elasticidade e harmonia e torna-o mais apto ao trabalho.

CÂNDIDO DE CARVALHO

A ingratidão representa uma dívida que se não quer pagar. O ingrato é um caloteiro moral.

D ALBERTO BRAMÃO



RECORDAÇÕES DO MATEUS

O paquete cruzava as águas do Oceano, em rumo à ilha da Madeira. No *deck*, o Júlio, caixeiro-viajante, fitava, com interesse, o céu e o mar, cujos azuis se confundiam muito longe. Ouvia-se o arfar das máquinas de bordo e, de vez em quando, a vozearia satisfeita dos passageiros que chegavam às amuradas.

Perto de Júlio, um tripulante acercou-se, olhando, indiferente, o oceano, enquanto fumava, tranquilo, o seu cachimbo. O caixeiro-viajante tentou dois dedos de conversa:

—Que mar tão calmo, senhor Mateus! Até dá gosto vê-lo! Que bom haver paz entre os homens. Vai-se para qualquer lugar do mundo sem receios...

Como resposta, o marítimo puxou uma larga fumaça. Depois, pausadamente, retorquiu:

— Sim, senhor Júlio, diz bem. Mas nem sempre assim sucede. Quando debaixo das águas os homens se escondem para atacar outros homens, o caso muda de figura...

—Quer referir-se aos submarinos. Aposto que, pela maneira como fala, já teve algum pela proa.

—E pode dizê-lo. O senhor lembra-se de ouvir falar na morte do comandante Carvalho Araújo? — perguntou o Mateus.

—Se me lembro! Quem há em Portugal que não recorde o sacrifício desse herói!...

—Pois aqui onde me vê — respondeu o marítimo—assisti ao afundamento do caça-minas *Augusto de Castilho*—Eu era da tripulação.

—Ah, sim? Então, conte como foi isso...

Mateus circunvagou o olhar pela imensidade calma do Oceano. Uma nuvem esgaçava-se no firmamento.

—Foi assim, senhor Júlio. O nosso barco tinha por obrigação defender o *S. Miguel* dos submarinos inimigos. Eram cinco horas da manhã quando ouvimos uma granada a que se seguiram mais tiros. Todos ficámos a postos. O caça-minas respondeu; o submarino voltou à carga, mas conseguimos dar tempo a que o *S. Miguel* se pusesse ao largo. Salvámos duzentas vidas!

Depois de uma pausa, Mateus continuou:

—Hora e meia durou a luta, senhor Júlio. Umas vezes atacávamos, outras defendíamo-nos. O *Augusto de Castilho* portou-se admiràvelmente e tive a satisfação de ler que o próprio comandante alemão afirmou que em toda a sua vida de marinheiro nunca tinha encontrado resistência tão dura como a nossa.

—E Carvalho Araújo?

—Esse, morreu como um português. O caça-minas, uma vez rendido, foi para o fundo e nós, os sobreviventes, postos a bordo de um escaler, ao Deus-dará, andámos, numa agonia de que nem me quero lembrar, no meio das ondas, guiados apenas pela fé em Deus. Nem posso recordar o que foi o nosso sofrimento... Por pouco, não morremos à sede. Mas, lá chegámos a terra portuguesa. Por isso, quando vejo o mar muito calmo, nunca me posso esquecer que, uma vez, debaixo dessas águas saiu um monstro que deu a morte ao meu comandante e a alguns dos meus companheiros.

Mateus, ao dizer tais palavras, limpava, disfarçadamente, uma lágrima sincera.

—Ah, senhor Júlio! Se o senhor gosta de navegar em paz, que direi eu quando me lembro dessa aventura. Quando me lembro disso, até me sinto arrepiado...

E, dizendo estas palavras, Mateus fitou o mar azul e sereno, lançando do cachimbo trigueiro grossas baforadas de fumo...

MANUEL FERREIRA

Comemorações do Dia do Escoteiro

Em quase todas as unidades escoteiras foi comemorado com reuniões especiais o Dia do Escoteiro. Sabemos que o Grupo 53 evocou a data com uma palestra pelo chefe Armando Lino.

No Grupo 94 realizou-se uma sessão em que compareceram muitos amigos do grupo e famílias dos Escoteiros. O Chefe Joel Ribeiro fez uma palestra aos escoteiros. Estes, por sua vez, ofereceram aos seus convidados uma alegre festa escotista com canções, episódios, música e distracções. O Delegado Regional de Lisboa, sr. dr. Eugénio Ramos, assistiu a uma parte desta festa.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

II «Camporee» escoteiro interamericano

De 8 a 16 de Dezembro passado, num aprazível recanto do Campo-Escola Escotista da Guatemala, realizou-se o segundo Acampamento Escoteiro Interamericano, no qual participaram 520 escoteiros representando 9 países da América Latina.

Foi chefe de campo o Escoteiro-Chefe Geral da Guatemala, sr. Júlio Montes, e subchefe o Comissário Nacional de Adestramento, sr. Prof. Armando Gálvez Castro.

A inauguração oficial foi feita no Domingo, dia 11. Logo de manhã realizaram-se no acampamento serviços religiosos católicos e evangélicos.

Às 10 horas chegou o Presidente da República da Guatemala, que inaugurou o acampamento, pronunciando um vigoroso e interessante discurso. A Banda Marcial da República executou os hinos nacionais de todos os países representados.

O acampamento foi também visitado no dia 8 pelos representantes diplomáticos de todas as nações representadas e pelo Ministro da Educação da Guatemala, que entregaram as bandeiras dos respectivos países para serem arvoradas.

Este acampamento constituiu uma excelente actividade, tendo-se cumprido um programa variado de trabalhos, esmerando-se as delegações em representações folclóricas e exibições técnicas.

Foi também feita uma sementeira de árvores no mesmo Campo-Escola para o «Bosque Baden-Powell da América Latina».

Grande Jambori, «Rover-Moot» e Indaba do centenário de B.-P.

Esta grandiosa reunião de escoteiros, que se efectuará perto de Londres de 1 a 12 de Agosto de 1957, promete ser uma das maiores concentrações escotistas internacionais, talvez mesmo a maior. A Inglaterra prepara activamente este empreendimento com aquele método e cuidado que caracteriza o povo britânico. Muitas associações se encontram já inscritas para tomar parte neste acontecimento.

Simultâneamente, realizar-se-ão outras reuniões. Uma destas será a II Convenção Internacional de Escoteiros Membros da Sociedade Mundial de Filatelia. Uma oportunidade mais para os escoteiros filatelistas, cujas colecções em 1957 serão enriquecidas com emissões comemorativas do centenário de B.-P., que diversos países vão publicar.

* * *

A Direcção dos Escoteiros de Portugal comunicou já à Repartição Internacional de Escotismo que enviará ao grande Jambori do Jubileu, a efectuar perto de Londres, em Agosto de 1957, um contingente de 45 escoteiros. Portugal estará assim condignamente representado naquela grande concentração do mundo escoteiro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

«O Lobitismo e a sua influência na Escola Dominical»

Extracto da tese apresentada à II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos, pela Chefe de Alcateia Prof.ª Maria Aida Morais de Almeida Vieira.

Sr. Presidente, prezados Irmãos:

Julgo não ser eu a pessoa mais indicada para estar neste lugar, visto ser ainda uma principiante dentro do «Lobitismo». No entanto, dentro da minha limitada experiência, farei o melhor possível por expor o que penso sobre o tema acima indicado. Desde já peço a benevolência de todos os que me escutam, para as faltas que porventura cometer.

Todos os estimados irmãos aqui presentes, sabem melhor do que eu o cuidado e interesse que nos deve merecer a educação de uma criança. É nesses pequenos seres ainda em formação, que a humanidade deposita as suas esperanças do futuro. Os garotos travessos e irrequietos que hoje correm atrás de uma bola e por vezes nos fazem a cabeça em água serão um dia os alicerces da sociedade em que vivemos. Médicos ou operários, professores ou industriais, seja qual for o ramo em que a sua actividade se exerça, a educação recebida na infância far-se-á sempre sentir.

Não deve ser, portanto, de ânimo leve que nos devemos abalançar a dirigir uma Alcateia. Não se trata de um simples passatempo destinado apenas a entreter as crianças, nem tão pouco uma tarefa que se desempenhe de má vontade. A missão dos Dirigentes de Lobinhos é bem mais delicada e exige deles não só dedicação e trabalho, mas sobretudo muita paciência e compreensão.

É necessário não nos esquecermos que esses Lobinhos que nos são confiados têm problemas que a nós, adultos, nos podem parecer ridículos ou insignificantes, mas que para eles representam muito. E por isso o Dirigente da Alcateia para bem desempenhar a sua missão, não pode estar còmodamente instalado na sua poltrona, dando ordens ou deixando a criança fazer toda a espécie de tropelias. Tem que saltar, correr, brincar, mesmo que às vezes a vontade seja pouca. Só assim, encarando os factos pelo ponto de vista infantil, tornando-se até por vezes um pouco infantil também, o Dirigente poderá captar a confiança dos pequenos e ajudá-los a encontrar a solução das suas pequenas dificuldades.

Não há duas crianças iguais. Cada uma tem as suas qualidades e defeitos próprios. Compete àqueles que as dirigem e que mais directamente estão em contacto com elas, pais, professores, orientadores escotistas, tentar encaminhar numa boa direcção aquilo que nelas houve de mau.

Há sempre na criança um certo número de tendências hereditárias, mas outras são adquiridas no meio ambiente, no convívio diário, na família, na escola. A maior parte das vezes, principalmente no caso de garotos da rua, essa influência não é das melhores e a criança tem maus hábitos que se torna necessário corrigir. Assim, o «Lobitismo» torna-se um auxiliar precioso da educação, por meio de actividades adequadas e agradáveis ao espírito infantil.

Entrando pròpriamente no tema que me foi indicado, vejamos que influência pode o «Lobitismo» ter na escola Dominical. Entre ambos deve haver alguma afinidade, pois tanto um como o outro são formados por crianças e o seu fim é idêntico, embora seguindo caminhos diferentes. Enquanto a Escola Dominical se preocupa única e exclusivamente com a educação religiosa da criança, o «Lobitismo» tem um campo mais vasto e completa essa educação sob o ponto de vista físico, moral e intelectual. Sendo assim e desde o momento que haja uma Alcateia na Igreja, seria de toda a vantagem que dessa Alcateia fizessem parte os alunos da Escola Dominical. A influência benéfica do «Lobitismo» far-se-ia certamente sentir sobre eles e a sua educação ficaria mais completa, ajudando-os até a cumprir melhor os seus deveres religiosos. Não devem os «Lobinhos» fazer tudo «o melhor possível»?

Será um erro supormos que o «Lobitismo» se preocupa sòmente com o desenvolvimento físico da criança. Julgo que nenhuma Alcateia pode ser forte nem cumprirá bem o seu objectivo, se não tiver uma base religiosa, uma base cristã.

Se o dirigente ponderar bem este ponto, poderá ser um bom au-

(*Conclui na 6.ª página*)

Peço a palavra!

Previdência—Uma excelente prova de classe

(...) Embora leitor assíduo do «S. P.», não sou Escoteiro. Ignoro, por isso, a orientação das vossas provasde escoteiro. Mas gostei muito de ler no último número a excelente prova sobre Previdência. Como li nesse mesmo número que os assinantes podiam pedir a palavra, aqui o estou a fazer, para afirmar que os princípios expressos naquela prova deviam ser ensinados em todas as escolas. Como pai, peço-vos que não deixeis de inculcar em todos os escoteiros os princípios de boa economia e previdência. O Mutualismo precisa que os novos conheçam o seu valor e os seus elevados princípios de solidariedade humana. Prossegui com fé na vossa obra. (...)

Lisboa, 26/4/56

LUÍS NEVES

A propósito do Dia de S. Jorge

(...) Já que o permitis, deixai-me usar do direito, como assinante do «S. P»., de mostrar a minha discordância com as comemorações do Dia de S. Jorge. Parece-me que nem todos os escoteiros se podem associar a estes actos, em virtude das suas crenças religiosas. O culto dos santos não é praticado por escoteiros cristãos reformados. Não estou, por esta razão, de acordo com a generalização destas comemorações. (...)

Lxa., 23/4/56.

ANTÓNIO NUNES

N. da R —As considerações do prezado leitor estariam certas se tivessem fundamento Não se trata de prestar culto a S. Jorge (ou a qualquer outro santo), tanto mais que, como muito bem escreveu o Velho Lobo Negro do Norte no «fundo» do número passado, nem sequer se pode afirmar com segurança que o S Jorge existiu. O que evocamos no dia 23 de Abril de cada ano são as virtudes que enformam o carácter do Cavaleiro S. Jorge, como cristão e como mártir, e, principalmente, as virtudes tão bem simbolizadas na sua lenda.

É possível que escoteiros, a quem isso se conforme com a sua crença, pratiquem actos de culto a S. Jorge. Os outros procedem de harmonia com a sua crença evocando o santo, a sua coragem, a sua lealdade, verdadeiros padrões da vida escoteira.

Isto não contraria a crença dos escoteiros cristãos reformados que, embora não prestem culto aos santos, respeitam-nos, inspiram-se nas suas vidas, ouvem os seus conselhos, aproveitam as suas experiências e esperam encontrar-se um dia juntos com eles no lar celestial. O Dia de S. Jorge —Dia do Escoteiro—é, portanto, uma excelente oportunidade para que milhões de jovens escoteiros se encontrem no mesmo pensamento num elo que envolve o mundo.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

Concerto da banda—A Banda deste grupo deu mais um concerto no Jardim Parque da Vila, sob a hábil regência do maestro sr. José Leitão Franco. A assistência numerosa, entre a qual se encontrava o presidente do grupo sr. Duarte Coelho, tributou largos aplausos à Banda dos Escoteiros.

De luto—Em meados de Abril, faleceu na Chamusca o avô paterno do escoteiro Manuel Jorge Monteiro Marujo. O seu funeral realizou-se para o cemitério daquela Vila.

Todos os escoteiros do Grupo 84 apresentam sentidos pêsames ao seu irmão enlutado.—C.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Conselho Nacional

Em 7 de Abril p. p., reuniu-se o Conselho Nacional da Fraternal, com vista à prestação de contas e eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1956/57. Estavam presentes 23 membros e 2 antigos escoteiros não membros. Na ausência dos membros da Presidência, tomou a presidência da assembleia o sr. dr. Tovar de Lemos, secretariado pelos srs. João Maria Magalhães Ferraz e António Mira Calhau.

O presidente da mesa fez um breve relato da vida da Fraternal e explicou as causas da inactividade da mesma formulando votos para que os novos corpos gerentes possam assegurar uma actividade mais regular. Seguidamente, o sr. Magalhães Ferraz fez um largo elogio à representação da Fraternal na Assembleia Mundial, efectuada em Agosto passado, desempenhada com brilho pelo sr. Albano da Silva, propondo um voto de louvor e agradecimento, que foi aprovado. O sr. Albano da Silva informou que a nossa Fraternal era membro fundador da Associação Mundial de Antigos Escoteiros.

Foram recordados os nomes dos antigos escoteiros recentemente falecidos srs. prof. dr. António Augusto Curson e Chefe Lobo de Carvalho e registado em acta um voto de pesar.

O sr. Manuel Alvim Leal levantou dúvida sobre se a Assembleia tinha número legal para funcionar e, sem que o assunto fosse esclarecido, a Assembleia achou conveniente prosseguir nos seus trabalhos. Também foi resolvido dispensar a leitura da acta da reunião anterior.

Entrando na ordem dos trabalhos, o tesoureiro sr. Ernesto Clímaco do Nascimento apresentou os mapas das contas respeitantes à gerência que terminou os seus trabalhos. Não havendo, porém, nem relatório, nem balancete de contas, a Assembleia achou conveniente que este fosse elaborado e dado a conhecer aos antigos-escoteiros. Enquanto a sessão foi suspensa por uns minutos, o tesoureiro elaborou ràpidamente um balancete de contas, que foi aprovado.

Foi ainda proposto um voto de louvor aos srs. Ernesto Clímaco do Nascimento e José Vasques Filipe, pela dedicação dispensada aos serviços de tesouraria e secretaria da Fraternal. O Conselho Fiscal não apresentou qualquer parecer.

Procedeu-se à eleição dos novos Corpos Gerentes que ficaram assim constituídos:

Presidência: Presidente, Comandante Álvaro de Melo Machado; 1.º e 2.º vice-presidentes, Rev. Eduardo Moreira e Dr. Francisco Cortês Pinto; 1.º e 2.º secretários, Dr. Leopoldo de Figueiredo e Prof. Dr. Délio Nobre Santos.

Direcção: Presidente, dr. Alfredo Tovar de Lemos; vice-presidente, Joaquim Amâncio Salgueiro Jr; 1.º e 2.º secretários, António Mira Calhau e José Manuel Miranda de Melo; tesoureiro, Ernesto Clímaco do Nascimento; 1.º e 2.º vogais, José Vasques Filipe e João Patrício de Melo.

Conselho Fiscal: Presidente, António Manuel Ribeiro; secretário, Albano da Silva; relator António F. M. Xavier de Brito.

A posse dos Corpos Gerentes

No passado dia 1 de Maio, na sua sede da R. de S. Paulo, efectuou-se, pelas 22 horas, o acto de posse dos Corpos Gerentes da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Presidiu o Vice-Presidente da Presidência, sr. dr. Francisco Cortês Pinto, na falta, por doença, do sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, e assistiram os empossados e alguns antigos escoteiros.

O sr. dr. Cortês Pinto disse da satisfação que tinha em empossar os dirigentes dos antigos escoteiros que certamente iriam contribuir para uma melhoria do Escotismo, por vezes tão mal compreendido, e disse ainda que era feliz, visto que em todos os sectores que dirige é sempre bem acolhido e, entre eles, vive também com prazer os momentos que está junto dos escoteiros.

Terminou com palavras de elogio ao nosso movimento e de incitamento aos novos directores.

Agradeceu o sr. Presidente da Direcção da Fraternal, dr. Alfredo Tovar de Lemos, focando em especial a dupla responsabilidade que a direcção contraiu, dado que, esta posse teve a ilustrá-la a presença simpática do sr. dr. Cortês Pinto, cujo nome impõe o respeito que todos conhecemos.

A direcção da Fraternal recebeu uma carta do rev. Eduardo Moreira, em que comunica não ter podido comparecer ao acto de posse em virtude do convite ter sido recebido fora de tempo por ter sido endereçado para a sua antiga residência.

Também o ilustre jornalista e antigo escoteiro sr. Belo Redondo informou não poder comparecer em virtude de dar entrada num estabelecimento hospitalar para tratamento.

Ernesto Belo Redondo

Este nosso dedicado amigo e ilustre jornalista encontra-se internado num estabelecimento hospitalar em tratamento. Sabemos que tem obtido boas melhoras e que se encontra em vias de restabelecimento, o que sinceramente desejamos.

Alberto Lima Basto

Por ocasião das comemorações das bodas de prata do Rádio Clube Português, foi agraciado com o grau de cavaleiro da ordem de S. Tiago, este nosso estimado assinante e antigo escoteiro, que é devotado director daquela estação emissora. «Sempre Pronto» felicita o sr. Lima Basto por tão merecida distinção e formula sinceros votos de novos e constantes progressos ao Rádio Clube Português.

• • o • •

UM PROBLEMA DIFÍCIL

Carlos e João voltaram à velha questão que há entre eles de saber qual é o mais perspicaz na resolução de problemas.

Lembramo-nos que Carlos conseguiu decifrar com certa felicidade o último problema proposto pelo João. Assim, numa das últimas reuniões da já célebre patrulha «Veado», Carlos deu a conhecer o enunciado do seu novo quebra-cabeças:

—Um amigo meu tem um automóvel, cujo conta-quilómetros se avariou. Por este motivo, quando o carro está parado, o ponteiro daquele aparelho marca uma velocidade de 6 Km. à hora. Mas quando o automóvel atinge a velocidade de 50 Km. horários, o ponteiro marca apenas 41. Portanto, queria que tu respondesses a estas duas perguntas:

1.ª—A que velocidade o ponteiro marca a quilometragem que verdadeiramente o carro está a percorrer.

2.º—Que velocidade marca o ponteiro quando o automóvel corre a 30 Km. à hora?

João ficou entusiasmado com o problema. Como os trabalhos da patrulha iam continuar, guardou o enunciado para, em sua casa, procurar a resolução com mais assento e mais tempo para pensar.

Os leitores que auxiliarem o João neste pequeno trabalho receberão, como sempre, uma pequena lembrança deste jornal.

• • o • •

A modéstia é a moldura do merecimento, que a guarnece e realça.

MARQUÊS DE MARICÁ

Na Sociedade de Geografia de Lisboa

Realizou-se uma sessão escotista

Por iniciativa do Grupo n.º 13, realizou-se no dia 27 de Abril, na sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma sessão de carácter escotista e ultramarino.

Presidiu o sr. almirante Magalhães Correia, ladeado pelos srs. dr. Júlio Gonçalves, em representação daquela prestigiosa instituição, de que é secretário-geral; comodoro Daniel Duarte Silva, escoteiro-chefe geral que representava o presidente da A. E. P.; dr. Francisco Cortês Pinto, presidente do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal, e eng.º Jorge Pereira Jardim, ex-presidente da A. E. P., que representava os antigos escoteiros.

O sr. almirante Magalhães Correia fez a apresentação do conferente, sr. major Martins Mateus Moreno, antigo director da Casa da Metrópole em Luanda e Chefe do Serviço de Informações à Imprensa, junto do Governo Geral de Angola. O conferente abordou o tema «Juventude e Ultramar», referindo-se à actividade e evolução do ensino nas várias províncias ultramarinas. Mostrou a necessidade de intensificar o intercâmbio entre as juventudes da metrópole e do ultramar. Ilustrou as suas afirmações com números estatísticos, tendo a assistência apreciado vivamento o seu trabalho.

O sr. eng.º Jorge Jardim anunciou em seguida a entrega de uma bandeira nacional e outra do grupo, que os Antigos Escoteiros adquiriram por subscrição a fim de as oferecer aos actuais escoteiros, como símbolo da transmissão do facho do ideal da Pátria e do Escotismo, que todos se comprometeram a servir. Recordando alguns factos passados, exortou os escoteiros a manterem bem viva a chama do espírito escotista. A antiga bandeira do Grupo, velha de vinte e cinco anos, entrou na sala escoltada e o presidente da mesa fez a entrega das novas bandeiras, tendo sido prestadas honras pelas bandeiras dos grupos representados e pelos escoteiros.

Foram momentos de maré alta de entusiasmo que impressionou vivamente todos os presentes, principalmente aqueles que não estão habituados a estas cerimónias, devido a espontaneidade com que tudo decorreu.

A terminar, foram exibidos filmes gentilmente cedidos pela Agência Geral do Ultramar, que constituíram um bom motivo de propaganda ultramarina e óptima lição sobre o desenvolvimento e progresso do ultramar português.

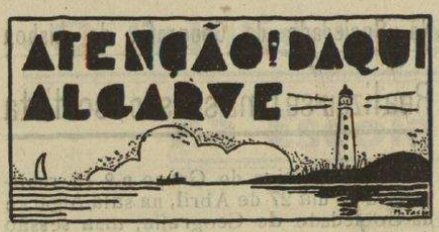
Estiveram presentes representantes dos grupos de Lisboa, famílias de escoteiros, antigos escoteiros e outras individualidades, bem como o delegado regional de Lisboa sr. dr. Eugénio Henriques Ramos. O «Sempre Pronto» esteve representado pelo seu redactor Ernesto Clímaco do Nascimento, que apresentou felicitações aos promotores da sessão.

• o •

Um escoteiro para acompanhar a expedição ao Antárctico

Vai ser escolhido um escoteiro de 17 a 18 anos para acompanhar, no próximo ano, a expedição ao Antárctico. Em 1928 os americanos escolheram o escoteiro Paul Siple para a primeira expedição Byrd. Hoje é o dr. Siple, veterano de cinco expedições antárcticas.

Do «*Primeiro de Janeiro*»



Grupo N.º 6—Olhão

Troféu «Antero Nobre»

Em 8 de Abril, realizaram-se as primeiras provas do Concurso «Antero Nobre», que começou pelas de homógrafo.

Verificou-se grande entusiasmo, a competição foi renhida e leal. Registaram-se as seguintes médias de classificação por patrulhas: — Andorinha — 131, 6 pontos; Tigre — 127, 2 pontos; Galo—116, 8 pontos e Águia —93, 2 pontos.

Esta última patrulha poderia ter obtido, talvez, a primeira classificação, se não fora a atitude muitíssimo lamentável de dois dos seus escoteiros que, faltando sem justificação às provas, influiram fortemente na média, conforme as condições do concurso.

Individualmente, os três primeiros classificados foram:

Carlos da Silva Bentes, da Pat. Andorinha; Fernando de Brito Nunes e Francisco dos Santos Pedro, ambos da Pat. Águia.

O Júri das provas é formado este ano pelo E. C. D. João Trigueiros, pelo Caminheiro José Manuel Carrusca, do Grupo N.º 77; e pelo antigo escoteiro do «Seis», Fernando Ramos.

As provas continuarão em fins de Maio e constarão de macas, nós e ataduras.

A contar também para a mesma competição, decorre paralelamente um concurso de BB. AA. iniciado em 1 de Abril.

● **De luto**—Este Grupo encontra-se de luto pela morte, em Lisboa, em 12 de Abril, do seu muito dedicado Presidente, sr. dr. Luís Bernardino da Silva, após uma intervenção cirúrgica, a que foi submetido.

Além dum Presidente dedicado, os escoteiros de Olhão perderam um amigo que lhes valia em todas as ocasiões. E bastantes foram aqueles a quem desinteressadamente valeu, em especial os mais necessitados, com os seus serviços clínicos e, até, com os seus medicamentos.

Possuía a Medalha de DEDICAÇÃO (classe prata), concedida pela nossa Associação. — *C.*

N. da R.—«Sempre Pronto», que tinha no sr. dr. Luís Bernardino da Silva um assinante e amigo dedicado, sente profundamente o triste acontecimento e apresenta sentidas condolências a sua família e ao Grupo n.º 6.

Grupo n.º 60—Vila Real de St.º António

Em 4 de Abril, comemorou-se o 31.º aniversário do «60». Todos os escoteiros compareceram na sede, tendo o Chefe historiado, numa curta palestra, a vida do Grupo, falando também sobre a finalidade e objectivos do Escotismo.

A seguir, efectuou-se a entrega do «Troféu Grupo N.º 60» à Patrulha «Águia», vencedora no último trimestre, e de fitas alegóricas a esta e à «Poupa», que ficou em segundo lugar, findando as comemorações com alguns jogos e canções escotistas.

Em 23 de Abril, dia de S. Jorge, efectuou-se, na Sede, nova concentração do Grupo. O Chefe referiu-se ao Patrono dos Escoteiros, considerando-o no duplo aspecto lendário e histórico, concluindo por afirmar que outros «dragões» haviam surgido, de género diferente do que o Santo aniquilara mas não menos perigosos, a que urgia o escotismo desse combate sem tréguas. Eram eles, principalmente, o tabaco, o álcool e o jogo.

A reunião presseguiu com a leitura das boas acções com que alguns escoteiros se candidataram ao Concurso Anual de S. Jorge. Venceu o escoteiro da Patrulha «Águia» António Alfredo Guerreiro, que recebeu como prémio um canivete com seis aplicações. Foi anunciado que o Concurso prosseguiria, nas mesmas bases mas com dois prémios, respectivamente para o primeiro e segundo classificados.

As Patrulhas executaram depois macas de espias, lenços e blusas, findando esta actividade com a canção «Eh Lá», entoada por todo o Grupo.

Em 1 e 29 de Abril as Patrulhas bivacaram isoladamente, com vistas ao Concurso «Trabalho e Método».

«O Lobitismo e a sua influência na Escola Dominical»

(Conclusão da 4.ª página)

xiliar do professor da Escola Dominical. Neste capítulo, é forçoso não esquecermos que a religião deve ser apresentada à criança de uma maneira alegre, simples, clara como qualquer outra actividade da Alcateia, e nunca como um conjunto de preceitos rígidos ou fórmulas decoradas que nada interessam à criança e que só lhe causarão aborrecimento.

Se nos recordarmos do tempo em que tínhamos 7, 8 ou 9 anos, concordaremos que nessa altura os sermões, embora pregados por grandes oradores, só nos faziam desejar o momento de ir embora. Porquê-Será a criança naturalmente avessa aos ensinos religiosos? Julgo que não. A religião para um espírito infantil é qualquer coisa de especial, de íntimo, de prático, que nada tem que ver com complicadas prédicas ou definições encaixadas à força nos seus pequeninos cérebros.

(...) Na minha opinião o ensino religioso deveria ser ministrado como se fosse uma actividade normal da Alcateia. Ao mesmo tempo que «o Lobitismo» aprende a amar os animais e as plantas, a admirar as inúmeras maravilhas da Natureza que o cercam, o seu espírito irá sendo guiado no amor por Aquele Deus poderoso que criou essa mesma Natureza.

A criança, por pequena que seja, aceita perfeitamente a existência de Deus como um bom amigo que vela por ela, que aprecia as suas boas acções e fica triste quando ela procede mal.

(...) Li num livro traduzido do inglês, uma passagem que achei muito interessante. Dizia o seguinte: Um padre era catequista de uma Alcateia. Sendo inteligente, nunca se esquecia que embora alunos de catequese, essas crianças continuavam a ser «Lobinhos». Então a sua aula de catequese começava com um jogo, continuava com algumas canções. Em dado momento, as crianças sentavam-se no chão de pernas cruzadas, para descansar, e claro, nessa altura eram-lhes ministradas as instruções religiosas, que nunca eram muito prolongadas. No fim, faziam alguns jogos e assim se despediam alegres e satisfeitos, como se tivessem saído de uma reunião normal da Alcateia. Mas a semente espiritual lá ficava.

Nem sempre o Dirigente estará apto a orientar espiritualmente as crianças que lhe são confiadas. Nesse caso, deverá pedir auxílio do Professor da Escola Dominical a fim de ambos combinarem a melhor orientação a dar ao ensino espiritual.

Neste capítulo da religião, devemos procurar sobretudo que os nossos Lobinhos sejam pequenos cristãos práticos, leais, obedientes, verdadeiros em todos os dias da sua vida, e não só aos Domingos, quando vão à Igreja.

(...) Muito mais poderia ser dito sobre assunto de tão grande importância, se outro fosse o conferente. No entanto, para não me alongar mais, talvez possamos tirar algumas conclusões destas mal alinhavadas linhas:

1.º—As Igrejas teriam vantagem em possuir uma Alcateia de Lobinhos anexa, pois esta auxiliaria a Escola Dominical, completando a educação da criança de uma maneira agradável e eficaz. Por outro lado a Escola Dominical seria útil ao «Lobitismo», encaminhando para elas as suas crianças e dando-lhe uma boa base religiosa.

2.º—O dirigente da Escola Dominical, quando desta façam parte alguns Lobinhos, devia ser a própria Akelá ou alguém dentro do ambiente escotista.

3.º—O dirigente da Alcateia deve despertar nos seus Lobinhos o interesse pela Escola Dominical, dando ele próprio o exemplo.

4.º—As Alcateias não devem admitir apenas crianças de uma determinada religião. O seu auxílio deve ser concedido a todas quantas precisem de uma mão amiga para as ajudar a encontrar o verdadeiro caminho.

Procedendo assim, poderemos ter a consciência tranquila, pois teremos feito «o melhor possível» para orientar as crianças que nos são entregues, de tal maneira que no futuro venham a ser bons Escoteiros, bons cidadãos, úteis a Deus e à Pátria.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1956

MARIA AIDA MORAIS DE ALMEIDA VIEIRA

REGULAMENTO GERAL

DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Este problema do Regulamento Geral da A. E. P. é assunto já tão debatido e tão antigo, que sobre ele não há nada de novo para dizer. O problema reside no facto de que antigas direcções quiseram sempre elaborar um Regulamento segundo as suas próprias concepções e conveniências, ignorando as disposições estatutárias sobre a aprovação deste diploma, na intenção de o impor aos grupos.

Os grupos, que têm as disposições estatutárias a seu favor, exigem, e com toda a justiça, que tal Regulamento seja aprovado em Conferência de Dirigentes. A sua pretensão é tão legal, que não pode haver argumento que indique outro caminho. A atitude dessas direcções foi sempre reprovada. Lamentàvelmente, porém, os mesmos dirigentes, que então reprovaram o procedimento dessas direcções, colocados em posição de aconselhar a actual Direcção, recomendam o procedimento que então condenaram. Não merece a pena tecer considerações sobre o caso. Ele comenta se por si próprio.

Preferimos, antes, e porque nos parece que isso poderá contribuir para esclarecer quem tem a responsabilidade destes assuntos, transcrever aqui o que ficou resolvido na última Conferência de Dirigentes:

b) A Conferência dos Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida de acordo com o Art. 14.º dos Estatutos, havendo apreciado detidamente, quer na generalidade quer nalgum dos seus principais capítulos, o projecto de Regulamento Geral que lhe foi submetido pela Direcção e usando da competência que lhe é conferida pelo número 1.º do Art. 14.º dos Estatutos. DECIDE:

(...) 2) Constituir uma Comissão que, no prazo de seis meses deverá elaborar definitivamente o Regulamento Geral que entrará em vigor trinta dias depois de distribuído aos Grupos e demais Organismos Associativos;

3) Conceder plena aprovação ao Regulamento Geral elaborado nos termos do número anterior, desde que se tenham verificado as condições seguintes:

i—Serem observadas a orientação e directrizes especiais definidas concretamente no decurso dos trabalhos da Conferência e das quais se destacam:

—Redacção cuidada, com inteira observância da pureza do Idioma Português cuja defesa importa assegurar como património nacional de valor indiscutível;

—Supressão de minúcias exageradas em todos os pontos que se revelem susceptíveis de serem confiados, sem inconveniente, a outras formas de regulamentação;

—Adopção, em todos os artigos, de redacção clara e expressa que afaste o possibilidade de interpretações dubitativas;

—Inclusão em anexo do Regulamento das normas relativas a provas de classe, insígnias de capacidade, uniformes e distintivos, formaturas e evoluções, por forma a aligeirar o seu conteúdo, entendendo-se, porém, que esses anexos serão considerados como fazendo parte integrante do Regulamento para efeitos da sua observância e eventuais alterações futuras;

—Aprovação dum plano de uniformes que diligencie seguir os padrões tradicionais do Movimento.

ii—Serem consultados sobre o projecto de Regulamento em apreciação, e com prazo de quarenta e cinco dias, os Grupos e Organismos Associativos com direito a voto deliberativo nesta Conferência, tomando-se cuidadosamente em atenção as observações que possam formular;

iii—O Regulamento Geral, no todo ou em qualquer das suas partes, não poderá ser alterado sem aprovação expressa da Conferência de Dirigentes;

4) Se no prazo indicado, a Comissão não vier a ultimar os seus trabalhos, poderá a Direcção ampliar esse prazo por mais sessenta dias, findos os quais deverá convocar, especialmente, a Conferência de Dirigentes para ser tomada decisão sobre o assunto;

5) A Comissão a que se refere o número dois da presente decisão será a seguinte:

—um representante da Direcção;

—o representante dos Grupos n.ºs 6 e 53 nesta Conferência;

—um dos representantes do Grupo n.º 2 nesta Conferência;

—o representante do Grupo n.º 85 (secção marítima) nesta Conferência;

—o Engenheiro José Maria Nobre Santos, como representante da Direcção que preparou o projecto de Regulamento.

As decisões desta Comissão serão válidas desde que estejam presentes, pelo menos, três dos seus membros.

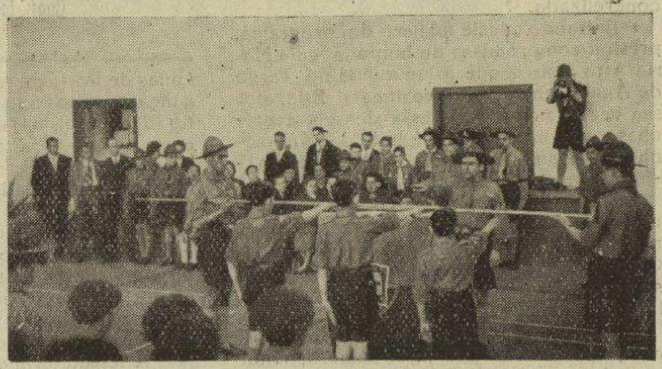
Esta decisão foi aprovada por unanimidade.

Em face das claras recomendações da Conferência de Dirigentes que reuniu em Dezembro de 1952, não nos parece defensável, atitude de quem pretenda, no ano de 1956, pôr em execução um Regulamento Geral que não foi submetido a aprovação devida. Nem compreendemos como isso mesmo possa ser, porque tal Regulamento não poderia receber sanção legal da Mocidade Portuguesa a quem, por força de lei, o mesmo tem de ser submetido.

ACTIVIDADES ESCOTISTAS



O novo grupo marítimo de Escoteiros de Portugal, anexo à igreja católica das Chagas, acompanhado de elementos do grupo n.º 85, com os lobitos que transitaram do grupo n.º 2 para este novo agrupamento, vendo-se ao centro o rev. padre Erwin Helmen, assistente do grupo, e uma senhora protectora da nova unidade. No último plano, o 3.º da esquerda, vê-se também o delegado regional dr. Henriques Ramos.



Compromisso de Honra dos novos escoteiros do grupo n.º 1 por ocasião da festa do seu 44.º aniversário celebrada em Abril passado.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM
PESSOAL ESPECIALIZADO
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»

A 1.ª Companhia de Guias de Lisboa «Rainha D. Leonor» comemorou em 3 de Maio corrente o terceiro aniversário da sua fundação, com uma festa na sua sede anexa à Igreja Presbiteriana de Lisboa. Por motivo de doença da sua chefe, sr.ª D Júlia Ribeiro, foi a sessão dirigida pela chefe D. Sara Serra, que se referiu ao significado da data e manifestou a satisfação de todos por este aniversário ficar assinalado pela inauguração do Ninho das Avezinhas, grande aspiração da Companhia, que seria agora concretizada.

Entrando neste número do programa, prestou compromisso de honra a guia Maria Afra Soares, que foi investida no cargo de Águia (chefe das avezinhas). Esta, por sua vez, tomou a promessa de seis avezinhas, que constituíram o bando das Andorinhas. Foi também nomeada a Andorinha-Mor, que recebeu as suas pescadinhas.

Seguidamente, a chefe D. Sara Serra recebeu o compromisso de honra de cinco novas guias, que reforçaram as fileiras da Companhia. As antigas guias receberam a sua estrela por mais um ano de serviço, que lhes foi entregue pela Chefe da Companhia.

A sr.ª D. Maria Helena Garcia, grande amiga das guias, dirigiu-lhes a palavra, pondo em relevo a responsabilidade assumida por cada menina que envergava a farda das Guias de Portugal farda que merecia a confiança de todos que conheciam o significado do ideal guidista e escotista. Afirmou estar certa de que todas as guias da 1.ª Companhia sabiam corresponder à confiança que nelas era depositada. Felicitou a Chefe da Companhia e disse que a maior alegria que ela poderia ter neste aniversário era verificar a dedicação e o entusiasmo que as guias puseram na organização daquela festa, tomando a responsabilidade de tudo sem quererem preocupar a sua chefe, em virtude de se encontrar doente.

A sessão terminou com um chá de confraternização em que tomaram parte todos os presentes.

Almoço de Confraternização dos Antigos Escoteiros do 2.º Grupo da A. E. P., realizado em 15 de Janeiro de 1956

BALANCETE

RECEITA:

33 inscrições a Esc. 35$00 cada	1.155$00	
Prejuízo a cargo do organizador	51$10	1.206$10

DESPESA:

1 resma de papel para duplicador e 150 envelopes	35$50	
2 folhas de papel inglês, selos e tipografia (ementas)	68$00	
Telegramas aos Ex.mos Srs.: Comandante Tenreiro, Melo Machado e Dr. Tovar de Lemos	12$30	
Vinho do Porto e Brandy e transporte	194$30	
Gratificações ao pessoal da Fnat	80$00	
Fnat—32 almoços	816$00	1.206$10

NOTA—Os documentos comprovativos estão apensos ao original, o qual ficou arquivado no 2.º Grupo da A. E. P.

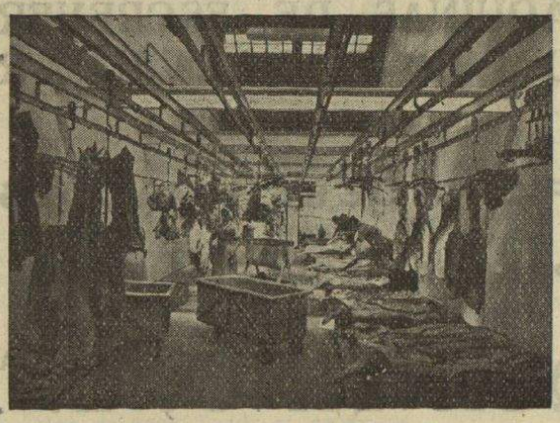
Conferido pelo Chefe do 2.º Grupo
Eugénio H. Ramos

O Organizador
Quintino Pinheiro

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Doentes—Na Clínica de S. Lucas, onde se encontra internada, foi recentemente operada, pelo ilustre cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves, a sr.ª D. Aida Conceição esposa do nosso estimado amigo rev. dr. Manuel Conceição Jr. A operação decorreu com todo o êxito, com o que nos congratulamos, formulando votos sinceros de um rápido restabelecimento.

Angaria um novo assinante para o «Sempre Pronto»



Um aspecto das instalações fabris da Casa Frescata

Já provou as maravilhosas Salsichas «KNACKER» FRESCATA?

— Não?

— Então prove!

Verá que ninguém fabrica melhor

●

«KNACKER» **Salsichas do tipo alemão**

Uma especialidade «FRESCATA»

●

USE NAS REFEIÇÕES DO ACAMPAMENTO AS DELICIOSAS SALSICHAS «KNACKER»